

PERFIL DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL EM FEIRA DE SANTANA

Anna Carolina Rocha da Silva¹; Maria Conceição Oliveira Costa²

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Universidade Estadual de Feira de Santana, Graduando em Farmácia, e-mail: annacarolinarocha@hotmail.com.br

2. Orientador, Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Saúde, e-mail: oliveiramco69@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Violência infanto-juvenil; Sistema de segurança pública; Garantia de direitos

INTRODUÇÃO

A violência apresenta-se como um fenômeno mundial, sendo evidenciada nos mais distintos contextos culturais e sócio-econômicos. Segundo o Ministério da Saúde, a violência representa uma das principais causas de morbimortalidade no país, sobretudo entre a população jovem (BRASIL, 2005). Existem diversas formas de manifestação da violência e dentre elas, o destaque desse estudo é a violência sexual que se configura como uma agressão ainda mais complexa que as demais, pois além de comprometer a integridade física e psicológica da vítima, afeta a sua sexualidade (MONTEIRO et al., 2008). A violência sexual contra crianças e adolescentes que antes era vista como limitada ao campo social e jurídico, hoje é reconhecida como uma questão de saúde pública, já que representa agravo e ameaça à vida, às condições de trabalho, às relações interpessoais, e à qualidade da existência, tornando necessária a incorporação de uma atitude de responsabilização por parte dos profissionais de saúde (MINAYO; SOUZA, 1999). Crianças e adolescentes vítimas de violência sexual apresentam uma predisposição a apresentarem transtorno de ansiedade, depressão e quadros agressivos, bem como dificuldades de definir o seu papel e funcionamento sexual além de dificuldades com relacionamentos interpessoais (SERAFIM, 2011). O interesse na realização desse estudo originou-se devido à experiência como voluntária do Núcleo de Estudos e Pesquisas na Infância e Adolescência, no qual houve a oportunidade de conhecer e explorar essa temática. Além dessa experiência acadêmica, na condição de estudante da área de saúde, há também uma grande afinidade pela área de saúde da criança e do adolescente, bem como um compromisso social e profissional em busca de uma melhoria na qualidade de vida infanto-juvenil. Esse estudo contribuirá fornecendo dados que possibilitarão o desenvolvimento de ações voltadas para a prevenção e enfrentamento da violência e elaboração de políticas públicas, através da combinação entre os diferentes setores envolvidos, permitindo então que as crianças e adolescentes completem seu desenvolvimento de forma saudável e digna.

METODOLOGIA

Tipo do estudo: Estudo epidemiológico descritivo, de corte transversal, com base em dados secundários dos Boletins de Ocorrência das Delegacias Especializadas. **Local de estudo:** município de Feira de Santana, segunda maior cidade do Estado da Bahia/Brasil, e cortada por três Rodovias Federais (BR 101, 116 e 324) e cinco Rodovias Estaduais (BA 052, 068, 501, 502 e 503), sendo considerado um dos importantes entroncamentos rodoviários do Norte e Nordeste do Brasil (IBGE, 2000). **População, Amostra e Período de referência:** A população do presente estudo foi constituída por crianças e adolescentes vítimas de agressões sexuais notificadas à autoridade policial na Delegacia de Polícia Civil, DEAM, DERCA e DAÍ, do

município de Feira de Santana, no período de 2005 a 2010. **Instituições estudadas:** **Delegacia de Repressão ao Crime Contra a Criança e o Adolescente – DERCA:** onde são encaminhadas todas as queixas e denúncias de violência contra crianças e adolescentes. **Delegacia do Adolescente Infrator – DAÍ:** órgão destinado a receber denúncias de vítimas e suspeitos; lavrar auto de apreensão ou boletim de ocorrência; instaurar inquéritos para apurar os fatos e encaminhar relatório ao Ministério público. **Delegacia Especializada de atendimento à Mulher – DEAM:** unidade especializada da Polícia Civil direcionada ao atendimento à mulher em situação de violência de gênero. **Delegacia de Polícia Civil:** representa uma unidade policial fixa dirigida por um Delegado de Polícia Civil e direcionada para o atendimento ao público (população), base e administração de operações policiais, investigações criminais e detenção temporária de suspeitos e presos em flagrante delito. **Coleta de dados:** Os dados foram coletados em formulário específico a partir dos registros originais de denúncia das Delegacias Especializadas (Boletins de Ocorrência). As variáveis analisadas foram: 1. Característica da vitimização e da vítima (sexo da vítima, faixa etária da vítima, tipo de violência, local de ocorrência, contexto do abuso, manifestação do abuso, forma de manifestação – com ou sem contato físico, presença de agressão física e tipo de intimidação) e características sociodemográficas e comportamental dos agressores sexuais de crianças e adolescentes (sexo do agressor, faixa etária do agressor, situação conjugal, se trabalha ou não, se possui histórico de detenção e vínculo com a vítima).

Análise de Dados: Os dados foram analisados com o auxílio do programa estatístico Statistical Package for Social Sciences – SPSS, versão 10.0.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que diz respeito ao perfil das vítimas de agressão sexual, os dados encontrados nessa pesquisa corroboram com os estudos de Martins e Jorge Mello (2010), em que aponta-se que houve predomínio de vítimas do sexo feminino para agressão sexual, o que representa uma desigualdade de gênero ainda existente na sociedade, que em nível mundial, é um fenômeno social marcado por relações de poder e dominação, do masculino sobre o feminino. A faixa etária predominante foi dos 10 aos 14 anos, idade em que a vítima já entra na puberdade e começa a passar por mudanças fisiológicas, passando também a despertar maior atração de agressores, bem como, se encontra em uma idade em que o agressor possui a capacidade de seduzir a vítima financeiramente, tornando-a dependente, o que entra em concordância com os resultados encontrados para agressores que trabalham e não utilizam de força física para abusar da vítima, optando pela sedução da mesma, tanto psicológica quanto financeira. Portanto, por agirem de maneira silenciosa e sem utilização de agressão física, esse tipo de violência acabando permanecendo oculta diante da família da vítima e dos profissionais responsáveis por dar encaminhamento às denúncias, o que explica o fato de os agressores não possuírem históricos de detenção. Desta forma, é necessário destinar uma maior atenção à esses casos, em que a violação é perpetrada por pessoa próxima, já que poderá acarretar consequências no desenvolvimento psíquico-emocional das vítimas e no estabelecimento das relações sociais durante o seu crescimento pessoal. Ainda com relação aos agressores sexuais das crianças e adolescentes, os dados apontaram para uma maioria de idade de 25 à 49 anos, que por serem agressores adultos, presume-se que o estímulo pode estar ligadas à oportunidade encontrada e a vulnerabilidade etária da vítima (APA, 2002). Com relação à tipologia da violação, estudos de Vasconcelos (2010) apontam para uma maior frequência de casos ocorrendo com abuso sexual, bem como foi constatado na presente pesquisa e Guimarães e Villela (2011) afirmam que a prevalência das ocorrências foram em ambiente doméstico e com contexto foi extrafamiliar. Portanto, pode-se concluir diante destes dados que provavelmente, indivíduos sem vínculo parentesco com a vítima tenham livre acesso ao interior da casa da vítima,

possuindo até mesmo confiança tanto da vítima quanto dos seus cuidadores, dificultando ainda mais a possibilidade de se efetuar a denúncia e fazendo com que o abuso continue ocorrendo de maneira oculta. Porém, existem também outros estudos, como o de Martins e Jorge Mello (2010), que divergem destes dados, já que relatam maior incidência de abuso sexual ocorrendo dentro do próprio ambiente familiar. Contudo, para as duas situações, diante da violência, a vítima se torna omissa por medo de revelar o acontecimento da violência, já que a mesma possui receios, como ser acusado de provocar a violência por parte do agressor e por consequência disso sofrer humilhação ou afrontas, bem como incompreensão por parte dos familiares, amigos, vizinhos. Para os casos mais recorrentes, encontrados no presente estudo, que é a vitimização de adolescentes, ressalta-se a presença de atitudes preconceituosas, pela família, amigos e autoridades, com acusação da vítima, em ter favorecido ou provocado a violência, já que essa questão ainda envolve tabus e discriminação das vítimas como culpadas, o que colabora com a perpetuação da violência e que pode ser explicado pela falta de estrutura psicológica da vítima para comunicar o fato (KELLOGG, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos dados encontrados, conclui-se que a maioria das vítimas de agressão sexual durante a fase da infância e adolescência encontram-se entre as idades de 10 à 14 anos, que é o estágio de transição entre essas duas fases. O sexo feminino ainda carrega consigo uma desigualdade de gênero, visto que a maioria das vítimas são meninas que estão entrando na puberdade. A partir deste estudo, nota-se também a necessidade de uma maior atenção a ser dada a este assunto, não apenas pelos profissionais responsáveis pelos encaminhamentos das denúncias, mas também verifica-se a importância de políticas públicas destinadas à inserir uma abordagem nas comunidades, gerando a conscientização por parte dos familiares e pessoas próximas a vítima do que é oculto, comum e perigoso pode ser esse tipo de violência ocorrência dentro do próprio ambiente doméstico da vítima.

REFERÊNCIAS

Associação Psiquiátrica Americana (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 4. ed. Porto Alegre: ArtMed; 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde da Mulher. **Prevenção e tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes**. Norma Técnica. 2ª ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

GUIMARÃES, J. A. T. L.; VILELLA, W. V. Características da violência física e sexual contra crianças e adolescentes atendidos no IML de Maceió, Alagoas, Brasil. **Cad. Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 27, n. 8, p. 1647-1653, 2011.

KELLOGG, N. D. Child sexual abuse: a marker or magnifying glass for family dysfunction? **Int Soc Sci J**. v.39, p. 569-82, 2002.

MARTINS, Christine Baccarat de Godoy; JORGE, Maria Helena Prado de Mello. Abuso sexual na infância e adolescência: perfil das vítimas e agressores em município do Sul do Brasil. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v.19, n. 2, p. 246-55, 2010.

MONTEIRO, Claudete Ferreira de Souza et al. Violência sexual contra criança no meio intrafamiliar atendidos no SAMVVIS, Teresina, PI. **Revista Brasileira de Enfermagem**, vol. 61, n. 4, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza e SOUZA, Edinilsa Ramos de. É possível prevenir a violência? Reflexões a partir do campo da saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 4, n. 1, 1999.

MIRANDA, M. I. F. et al. Violência sexual contra crianças e adolescentes em um município da Região Norte do Brasil. *Rev. Soc. Bras. Enferm. Ped.* v. 14, n. 2, 2014.

SERAFIM, A. P. Dados demográficos, psicológicos e comportamentais de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. **Rev Psiq Clím.** v. 38, n. 4, p.143-147, 2011.

VASCONCELOS, M. G. O. M.; FIGARO-GARCIA, C. Violência sexual infanto-juvenil: da Teoria à Prática do Centro de Referência e Atenção à Infância e Adolescência. In: LIBORIO, R. M. C.; SOUSA, S. M. G. (Org.). **A exploração sexual de crianças e adolescentes no Brasil. Reflexões teóricas, relatos de pesquisa e intervenções psicossociais.** 2ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo; Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2007. p. 201-34.